



## O APÓLOGO MACHADIANO E A INCONSTÂNCIA DO PODER

Igor Rafael Pereira Cavalcante (UESPI)<sup>1</sup>  
Isabella Maria Carneiro Mesquita (UESPI)<sup>2</sup>  
Margareth Torres de Alencar Costa (UESPI)<sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

O presente artigo trata-se do conto *Um Apólogo* de Machado de Assis, publicado no ano de 1896, que conta a história da agulha e da linha, dois personagens interpretados por objetos que atuam com personalidades fortes e vivem a discutir seu poder e sua autoria sobre os demais. Não distante da realidade, esse texto mostra a verdadeira face da ambição de ambas, e fazendo relação com as relações sociais as pessoas, muitas vezes, são como as mesmas, pois fingem estar no mesmo ritmo e viver das mesmas coisas, para no final não valorizar quem pelo menos esteve ao seu lado.

A obra se enquadra no gênero de conto, que possui certas características como exemplificado por SOARES (2007, p. 54): “O conto é a designação da forma narrativa de menor extensão e se diferencia do romance e da novela não só pelo tamanho, mas por características estruturais próprias”, que, dentro do gênero narrativo épico, descreve uma história pequena caracterizada pelos fatos cotidianos, e geralmente os personagens podem ser seres reais e ou imaginários.

Temos como objetivo primaz, a ligação da obra de Machado de Assis com os mitos do individualismo moderno, JOLLES (1971, p. 90) em seu livro traz a perspectiva do mito e mitos para a designação das formas simples: “O Mito é a Forma Simples resultante dessa disposição mental; a forma em que tal Forma Simples se apresenta em cada atualização isolada são os mitos ou um mito.”

### METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A base deste artigo comporta-se na utilização de livros de fundamentos teóricos literários, como Andre Jolles na escrita de *Formas simples*, Angélica Soares - *Gêneros literários* para designação do conto, Ligia Chiappini - *O foco narrativo* para do desenvolvimento de qual tipo de narrador presente na obra, Ian Watt - *Mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom*

---

<sup>1</sup>Graduando do Curso de Letras-Espanhol da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, [irpcavalcante@aluno.uespi.br](mailto:irpcavalcante@aluno.uespi.br);

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Letras-Espanhol da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, [isabellamariacarneiromesquita@aluno.uespi.br](mailto:isabellamariacarneiromesquita@aluno.uespi.br) ;

<sup>3</sup>Doutora pelo Curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [margarethtorres@cchl.uespi.br](mailto:margarethtorres@cchl.uespi.br) ;

*Quixote, Dom Juan, Robison Crusoe*. Juntamente com a leitura da obra de Machado de Assis *Um Apólogo* e o livro *Fausto* de Johann von Goethe.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Na escrita do conto, atentemos de antemão ao foco narrativo, entendido como a maneira em que o narrador escolhe narrar os fatos. No conto, ele se apresenta como onisciência seletiva múltipla, que CHIAPPINI (1985, p. 48) define como: “Não há propriamente narrador. A HISTÓRIA vem diretamente, através da mente das personagens, das impressões que fatos e pessoas deixam nelas.”

Com suas obras pertencentes, em grande parte, ao período do realismo, Joaquim Maria Machado de Assis, nasceu no ano de 1839, na cidade do Rio de Janeiro, e nela faleceu em 1908, mulato, filho de Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis não deixou de estudar, e aos 15 anos de idade publicou sua primeira obra literária, o soneto dedicado à “Ilustríssima Senhora D.P.J.A” dentro do jornal trissemanal Periódico dos Pobres. Dedicou-se bastante a literatura, sendo fundador da cadeira nº23 da Academia Brasileira de Letras, e ao longo de sua vida foi romancista, cronista, poeta, jornalista, teatrólogo e contista. CORDEIRO (2010, p. 94 GRIFO NOSSO)

No Mito Fáustico pode-se notar que sua ambição de ter Mefistófeles (O diabo), como servo foi o que fez o próprio aceitar o pacto: “*Mefistófeles: Obrigó-me a servi-lo em tudo e à risca enquanto vivo for, e obedecer-lhe aos acenos até, sem cansar nunca.*” (GOETHE 1956, p. 129), e quando Fausto tenta quebrar o pacto por perceber que o poder de Mefistófeles nada podia, sendo que o que ele mais queria era ter sua amada, mas ela já estava morta:

*“Fausto: Ah perro! Há monstro! Retorna-o, Senhor Deus, que podes tudo, ao ser canino com que o vi rojar-se aos meus pés, com que o vi rojar-se aos meus pés, com que fila atraído ao viajante incauto, e salta às costas do homem caído! Ou torne à costumada forma de cobra, arraste-se na terra, e eu que pise, que esmague o miserável.* (GOETHE, 1956, p. 361)

Não diferente do enredo do conto *Um Apólogo*, em que a agulha e a linha orgulhosas pelos seus feitos, vangloriavam-se melhores e independentes, Fausto, também, era um homem que possuía a ganância em seu espírito individualista, e se glorificava pelo seu poder as custas de ações mundanas, na qual fora condenado pelo mesmo, como verificado no seguinte trecho: “- *É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu? - Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?*”. (ASSIS, 1994)

O poderio de Fausto determinava-se para coisas mundanas que levava ele para as eternas frustrações e momentos inconstantes em sua vida, segundo WATT (1997, p. 59) “[...] um grande e persistente interesse por assuntos mais terra-a-terra: poder, prazer, zombaria, aplauso dos que estão no cume social.”

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise da relação entre as obras, *Fausto* e *Um Apólogo* de Machado de Assis, percebemos que se a agulha e a linha ao invés de discutirem entre si, poderiam ver que as duas tem sua importância, afinal sem a agulha, a linha não estaria no vestido da baronesa e não iria ao baile, assim como sem a linha a agulha não teria utilidade alguma.

Além disso, é perceptível que existe uma variedade de versões para uma determinada história, mas algo certo tanto em relação a Fausto fazer seu pacto como a discussão da linha e da agulha, é a inconstância do poder, pois assim como Fausto teve um fim consciente por consequência de seus atos, as personagens utilizadas por Machado de Assis em seu texto nos trazem a reflexão da moral, do esforço, de até que ponto vale lutar para mostrar ao outro se o que não precisa pois já se tem noção disto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de tais obras literárias desenvolvidas no decorrer deste artigo, faz com que percebamos a maneira que muitas vezes somos iguais a Fausto individuais e orgulhosos, e somos também agulhas e linhas seguindo a acreditar na superioridade e inferioridade, não reconhecendo que se precisa dos demais e que juntos se trabalha melhor.

A reflexão presente em todo o contexto, faz com que busquemos novos pontos de vistas sobre a sociedade em que si vive e o campo literário que está em tudo a nossa volta, sendo de total importância a todo.

**Palavras-chave:** Um Apólogo; Mito Fáustico; Machado de Assis.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.

CORDEIRO, Lécio. **Biografia**. Prefácio. In: ASSIS, Machado de. **O Alienista**. Recife: Prazer de ler, 2010.

GOETH, Johann von. **Fausto**. Trad. António Feliciano de Castilho. W.M. Jacckson Inc. Editores, 1956.



JOLLE, André. **Las Formas Simples**. Santiago de Chile: São Francisco 454, 1971.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo** (ou A polêmica em torno da ilusão). São Paulo: ática, 1985. Série Princípios. (p. 25-70)

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. 7ª. Ed. São Paulo, ed. Princípios, 2007.

WATT, Ian. **Mitos do Individualismo Moderno**: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusóé. Trad. Sandra Guardini de Vasconcelos. São Paulo: Jorge Zahar, 1997.